

*LOOKING BACKWARD*  
e *NEWS FROM NOWHERE*:  
eucronia e  
IDENTIDADE NACIONAL

Fátima Vieira  
Universidade do Porto

No já canónico *Journey through Utopia* (1950) Marie Louise Berneri descreve as circunstâncias do nascimento da eucronia: "(...) when the world becomes too small to house the ever increasing number of utopias, ideal commonwealths are imagined in some other world, or in the future, like that of L.-S. Mercier" (Berneri, 1982: 177). A questão do nascimento da eucronia é bem mais complexa do que Berneri faz crer no passo transcrito. De facto, não foi por falta de espaços novos para albergar as visões de uma sociedade feliz que o discurso utópico se virou para o futuro; as motivações foram outras, de ordem psicológica, e associadas a uma cosmovisão optimista que os estudiosos do Iluminismo francês tão bem têm descrito.<sup>1</sup>

Como explica Fred Polak, no Renascimento o homem descobriu que existem outras possibilidades de ordem social, apercebeu-se dos poderes infinitos da razão e compreendeu que a construção do seu futuro estava nas suas mãos. No Iluminismo o homem descobre que essa razão poderá, por um lado, ajudá-lo a viver em felicidade no seu estado natural e, por outro, permitir-lhe atingir a perfeição (Polak, 1961: 239-244). A utopia de tipo moriano<sup>2</sup> é o resultado da descoberta renascentista; a eucronia é o produto da lógica iluminista, definida por Turgot nos discursos que apresenta à Sorbonne em 1750 e onde faz associar a ideia da inevitabilidade do progresso à da infinita perfectibilidade humana.<sup>3</sup> Insuflada pela confiança iluminista, a utopia francesa, pelas mãos de Louis-Sébastien

>>

Mercier, em *L'An 2440, un rêve s'il en fut jamais* (1771)<sup>4</sup>, privilegia a noção de tempo (isto é, de um futuro de felicidade), adquirindo uma dimensão histórica. E como a História é encarada como um processo de perfeição infinita, a utopia passa a ser apresentada como a descrição de um elo dessa cadeia de progresso. Simultaneamente, verifica-se um processo de aproximação da sociedade imaginada ao real histórico. O discurso utópico, de feição eucrónica, ao situar a sociedade ideal no futuro, enuncia uma *lógica de causalidades* que pressupõe que determinadas acções (sobretudo a nível político) proporcionarão as mudanças necessárias para que a visão da sociedade ideal possa ser concretizada.

Inerente a esta deslocação da utopia para o futuro, e ajudando à aproximação do discurso utópico ao real histórico, está uma outra alteração, a nível espacial, operada também pela utopia de Mercier: já não faz sentido, nesta altura em que se acredita que os ideais poderão ser concretizados com a ajuda do *tempo*, que a sociedade ideal se localize numa ilha remota ou num ponto imaginário e inacessível. A confiança do homem nas suas capacidades intelectuais é estendida às possibilidades sociais do seu país, e nesse sentido será em território nacional que o utopista francês iluminista localizará a sua sociedade imaginária. Mais ainda: como o progresso histórico é entrevisto como inevitável, ele afectará não apenas a nação em que o utopista vive, mas todas as nações. O projecto utópico atinge assim uma dimensão universal.

Num trabalho como este em que, tal como o título indicia, me proponho abordar, de uma perspectiva comparatista, as utopias que Edward Bellamy e William Morris fazem publicar no final da Inglaterra e dos Estados Unidos da América de Oitocentos, respectivamente, a referência às eucronias francesas que nascem no final de Setecentos, por influência de Mercier, poderá parecer descabida. Ela é contudo intencional e é aqui avançada no sentido de reforçar a hipótese de trabalho, que me proponho examinar, de que na eucronia, mais do que

na utopia, a relação entre a sociedade real e a sociedade imaginária leva à equação de traços identitários. Note-se que não me refiro apenas à existência de uma relação estreita entre a sociedade imaginária e a sociedade real, pois essa é óbvia também na utopia e tem sido descrita por vários autores. Na verdade, tem sido consensual a definição de utopia como uma *obra de circunstância*, na medida em que a visão da sociedade imaginária se encontra numa situação de íntima dependência da sociedade real, pela negativa. Por outras palavras, o utopista constrói a sua visão a partir da rejeição dos elementos que, na sociedade em que vive, ele apreende como factores de desordem social.<sup>5</sup> Mas quando falo da relação íntima que se estabelece entre a eucronia e o conceito de identidade nacional não estou a pensar apenas nessas circunstâncias específicas a partir das quais, por um movimento de rejeição, é construída a sociedade ideal; tenho-as naturalmente em conta, mas o que me parece essencial examinar é todo o processo que conduz o utopista à convicção de que, no futuro, a felicidade será possível para a sua nação. No caso de Mercier e das eucronias francesas que, na sua peugada, situaram a sociedade ideal na França do futuro, o processo foi animado pela confiança iluminista que atrás descrevi e que se encontra sem dúvida associada ao processo revolucionário então em curso.<sup>6</sup> Mas em Inglaterra esta ideia de progresso imparável define-se, no século XVIII, como diz Michel Collinet, como "a marca intelectual de uma filosofia optimista", sendo formulada apenas nos meios aristocráticos londrinos com fortes ligações à teorização francesa (Collinet, 1961: 106-108).<sup>7</sup> De facto, será apenas no século XIX que esta filosofia assumirá, em território britânico, a dimensão de uma verdadeira *ideologia popular*, sendo associada aos benefícios que a nação poderá tirar do processo de industrialização.<sup>8</sup> A lógica optimista que conduz os franceses, no final de Setecentos, à concepção de uma sociedade ideal localizada no futuro não é pois perfilhável pelos britânicos; e aqui radica a explicação, na minha perspectiva, para o facto de, durante cerca

de um século, as eucronias serem quase um exclusivo francês.

Na verdade, o processo de viragem da utopia para o futuro dá-se em Inglaterra, de acordo com o estudo publicado por Lyman Sargent, apenas na década de 80. E embora já no início dessa década se registre a publicação de algumas eucronias, é incontestável que o revivalismo do pensamento utópico, de feição eucrónica, é operado em solo britânico pela publicação de *News from Nowhere*, em 1890.<sup>9</sup> Nos Estados Unidos da América, e segundo o mesmo estudo de Sargent, também os anos 80 são marcados por uma forte revivescência deste pensamento utópico que apostrofa o futuro com confiança, sobretudo após o sucesso que constitui a publicação da eucronia de Edward Bellamy, *Looking Backward* (1888).<sup>10</sup>

140>141

A simultaneidade do processo de valorização do utopismo e, mais particularmente, da eucronia, em Inglaterra e nos Estados Unidos da América, tem levado a crítica a encarar as obras de Bellamy e de Morris como o produto de uma mesma cosmovisão, já que, embora com inflexões bastante diferentes – e resultados mesmo opostos –, ambos os autores são influenciados por ideais comumente definidos como socialistas. Esta leitura de *Looking Backward* e de *News from Nowhere* como duas obras que formam um par antitético, oferecendo-nos visões distintas de uma mesma época, foi naturalmente reforçada pelo próprio Morris, que publicamente rejeitou a visão eucrónica de Bellamy e, desde o início, assumiu *News from Nowhere* como uma resposta directa a *Looking Backward*.<sup>11</sup>

No entanto, se tivermos em conta a lógica do pensamento que leva Bellamy e Morris à conclusão de que a utopia será possível no futuro, veremos que as obras se assumem como unidades independentes, com referentes teóricos nacionais: uma cosmovisão americana, no caso de Bellamy; um pensamento socialista marcadamente inglês, no de Morris. Tal como a primeira eucronia se afirmou, com Mercier, nos finais do século XVIII, como o fruto de uma ideologia optimista francesa, as eucronias americana e inglesa funcionam segundo uma

lógica própria, a que não poderemos chamar outra coisa senão *nacional*.

Para compreendermos a lógica da crença bellamiana na eucronia teremos de examinar, ainda que brevemente, a ideologia que lhe subjaz. A questão é complexa, como tem sido sublinhado pela crítica, já que Bellamy sempre recusou o rótulo de "socialista" que frequentemente lhe era atribuído, assumindo o de "nacionalista". Esta designação, para além de remeter para a solução política que o escritor preceitua (a construção da sociedade utópica com base na nacionalização dos meios de produção), reforça, desde logo, a ideia de que a eucronia de Bellamy é feita à medida da América. >>

Para Krishan Kumar, apesar da resistência de Bellamy, o nacionalismo que o utopista advoga não é senão um outro nome para uma forma de socialismo que se desenvolve na América em estreita relação com os traços identitários nacionais (Kumar, 1991: 140-149). É este um socialismo que tem como referentes, por um lado, um episódio do passado – a Revolução Americana – e, por outro lado, a ideia de um futuro prometido por Deus. Embora apontando em direcções diferentes, estes dois referentes inscrevem-se no mesmo processo histórico americano – ou melhor, na visão que os americanos têm do processo histórico nacional –, envolto no manto profético do pensamento escatológico.

À ideia de socialismo americano que descrevo subjaz a noção da América como a "Nova Terra Prometida", a nação eleita por Deus, onde os primeiros colonos e os seus descendentes, maioritariamente puritanos, poderiam finalmente usufruir da felicidade terrena. A América era a "Nova Jerusalém" por desígnio divino; Deus havia aberto o caminho aos peregrinos permitindo-lhes a salvação.<sup>12</sup> Como é salientado em muitos estudos sobre o tema, a História da América era vista como um processo imparável de glória e de progresso a todos os níveis, incluindo o material.<sup>13</sup> Gradualmente, o capitalismo, que, como diz Sacvan Bercovitch, viajou a bordo dos primeiros barcos de

peregrinos (Bercovitch, 1982: 8), afirmou-se como a base do edifício social americano, no seio do qual se desenvolveu, de forma harmoniosa, uma cultura de "classe média" (Bercovitch, 1976: 611). É esta ideia de nação eleita, capitalista e burguesa, que triunfa na América de Bellamy e é ela que funciona, na minha perspectiva, como princípio estruturador da sociedade que o escritor imagina.<sup>14</sup>

Assim se justificam, creio eu, alguns dos traços mais marcantes da eucronia bellamiana: o processo de industrialização como forma de consolidação de um sistema económico que proporcione um bom nível de vida a todos os americanos; a relação patrão/assalariado, que no texto de Bellamy é mantida pelo vínculo de todos os trabalhadores a um só empregador – o Estado; o incentivo ao consumo pela produção de bens que não são considerados essenciais;<sup>15</sup> a manutenção da ideia de uma contrapartida económica pelo zelo demonstrado no trabalho.<sup>16</sup> Doctor Leete, que na eucronia de Bellamy serve de guia a Julian West, o visitante da sociedade do futuro, é bem claro quando explica que a natureza humana não mudou e que a ética predominante na sociedade do futuro é ainda a capitalista. Apenas terá mudado a lógica do aproveitamento do trabalho: agora os indivíduos não trabalham em proveito próprio, contribuindo antes para a glória da nação (Bellamy, 1986: 88-89).

A noção da América como a Terra Prometida é explicitamente referida também por Doctor Leete, num dos diálogos que mantém com Julian West, em que apresenta como plausível a possibilidade de a nação ter finalmente entrado no Milénio (*idem*: 153). Do mesmo modo, o trabalho que, na sociedade imaginada por Bellamy, se assume como o princípio basilar da sociedade é um dos principais desígnios divinos (Bellamy chama-lhe "[an] edict of Eden" – cf. *idem*: 101). O Partido Nacionalista, a que Bellamy atribui, na sua utopia, a responsabilidade pela transformação da sociedade, definiu, como seu objectivo principal, "to realize the idea of a nation with a grandeur and completeness never before conceived (...) as a family,

a vital union, (...) a mighty-heaven-touching tree" (*idem*: 183). E no sermão radiofónico que o pastor Barton profere no final do livro de Bellamy, a ideia da Terra Prometida não podia ser tornada mais clara: "Humanity has burst the chrysalis. The heavens are before it" (*idem*: 206). A concepção do tempo que subjaz a esta ideia de futuro é a de um progresso em linha recta, já que, como explica Mr Barton, "we believe the race for the first time to have entered on the realization of God's ideal of it, and each generation must now be a step upward" (*idem*: 206).

Pela referência necessariamente breve a alguns dos princípios norteadores da sociedade imaginada por Bellamy, procurei demonstrar que o que conduz o escritor à convicção de que o futuro da América será necessariamente melhor do que o presente é uma lógica de pensamento que não poderá ser adoptada por um utopista de outra nação. De facto, Bellamy reconhece na História americana uma evolução e um progresso passíveis de serem compreendidos apenas no quadro dos planos que Deus esboçou para a América. Como é explicado a West, o Partido Nacionalista desempenha, em *Looking Backward*, um papel importante na transformação da sociedade porque os seus líderes compreenderam que "all that society had to do was to recognize and cooperate with that evolution, when its tendency had become unmistakable" (*idem*: 61). Com Bellamy, estamos pois muito longe das teorias do progresso perfilhadas por Mercier.

Porque se insere num outro contexto, a eucronia que William Morris publica, na Inglaterra finissecular, apesar de coeva da de Bellamy, radica numa outra concepção da História, informada por um pensamento socialista marcadamente inglês. A definição da natureza do socialismo de Morris é assunto complexo, pela rede de ligações que o utopista estabelece, em diferentes momentos da sua vida, com diferentes organizações políticas socialistas,<sup>17</sup> pelo que tentarei aqui simplificá-la de forma a torná-la conceptualmente produtiva para a tese que pretendo defender neste trabalho. Quando me refiro

ao socialismo tipicamente inglês de Morris tenho em mente a forma como, no pensamento do escritor, confluem princípios antigos, enunciados ao longo da História da Inglaterra por vozes radicais e que, de forma original, são incorporados pelo autor na lógica do pensamento marxista. Refiro-me à ideia da existência de uma *tradição radical inglesa*, com características bem definidas, que Viana Ferreira descreve como tendo sido "iniciada pelos *Levellers* (...) e outros grupos (*Diggers, Ranters, Seekers*) em meados do século XVII e que, após várias metamorfoses, (...) [terá encontrado] em William Morris um dos seus maiores expoentes no último quartel do século XIX" (Ferreira, 1996: 133). Na verdade, o carácter palimpséstico da eucronia de Morris revela-se bem nas diferentes vertentes ideológicas de feição radical que se evidenciam ao longo do texto; e à medida que o lemos, é inevitável o reconhecimento das relações de intertextualidade com autores ingleses que, antes do utopista vitoriano, promoveram a ideia de revolução.

Na minha perspectiva, a presença da voz de Godwin em *News from Nowhere* é a mais marcante, pela confiança que Morris revela nos processos de educação do homem, na sua perfectibilidade ética e na forma como sublinha a ideia do carácter prescindível do Estado. Mas também a influência de Ruskin, tão estudada e comentada pela crítica morrisiana, não poderá ser ignorada. De facto, foi o pensamento de Ruskin que impeliu o utopista à rejeição da paisagem industrial inglesa, do trabalho mecanizado e de uma sociedade que vê representados os seus valores num estilo neo-clássico despojado de sentimentos humanos genuínos: a contemplação da beleza da natureza e a adopção de uma atitude de espiritualidade que conduza a uma reflexão sobre a necessidade de mudança. A resposta que Morris dá à defesa da industrialização a que Bellamy procede em *Looking Backward* é sem dúvida uma resposta socialista, mas encontra-se animada por argumentos de ordem estética facilmente reconhecíveis nos círculos intelectuais e artísticos ingleses.

Assim, a adopção da teoria marxista da evolução histórica das sociedades humanas, que terá levado outros autores, em outras nações, à construção de eucronias (trazidas à luz pela própria força da História), no caso de William Morris assume uma feição particular, constituindo uma resposta que se desenha numa relação de estreita dependência de traços identitários ingleses; o que encontramos em *News from Nowhere* é, de facto, uma *visão inglesa*, um *socialismo inglês*.

O breve exame a que procedi das teorias que conduziram, num mesmo momento histórico, Edward Bellamy e William Morris à ideia de eucronia legítima, creio, a hipótese de trabalho com que encetei este texto. Comecei por me referir àquele que é consensualmente reconhecido como o pai da eucronia, Louis-Sébastien Mercier, mas desde logo sublinhei o facto de o seu pensamento se encontrar demasiado arraigado a uma cosmovisão francesa iluminista para que pudesse vingar em outras nações e em outros tempos. De facto, na minha perspectiva, o que Mercier inventou foi um quadro narrativo novo, que permitiu que a utopia, enquanto género literário, se adequasse às exigências do pensamento iluminista. Pelas suas mãos, a utopia deixou de ser um mero espaço imaginário para se afirmar pela sua dimensão temporal, definindo uma vocação nacionalista em relação ao espaço idealizado. Este quadro narrativo foi adoptado, num mesmo momento histórico, por dois utopistas de nacionalidade diferente; e apesar de ambos se encontrarem inscritos no contexto da tradição intelectual do Ocidente, as motivações que os conduziram à ideia da possibilidade de uma sociedade feliz, num futuro mais ou menos longínquo, mostraram-se distintas porque fortemente influenciadas por traços identitários nacionais. <<

>>

## NOTAS

[1] Cf., neste número de *Cadernos de Literatura Comparada*, o ensaio de Raymond Trousson.

[2] Refiro-me ao quadro narrativo estabelecido por More em *Utopia*, que assenta na descrição da descoberta de um espaço imaginário considerado mais perfeito do que o espaço real em que o utopista vive.

[3] Sobre a forma como a ideia de progresso é divulgada em França por Turgot, cf. Kumar, 1991: 43.

[4] Como refere Gabriela Hofmann la Torre, o estudo de Everett C. Wilkie (1984, "Mercier's L'An 2440: Its Publishing History during the Author's Lifetime", *Harvard Library Bulletin* 32: 5-35) demonstra que a data da publicação da utopia de Mercier é 1771 e não 1770, como é geralmente referido. Cf. La Torre, 1988: 99.

[5] Cf., sobre os processos de construção da utopia como rejeição da sociedade real, Frye, 1967: 26; Lasky, 1977: 11; Soboul, 1980: 13; Ricoeur, 1986: 313.

[6] Como diz Fred Polak, os heróis das eucronias francesas são normalmente rebeldes ou hereges, extremamente críticos do sistema vigente. Através deles, os utopistas ajudaram a preparar a Revolução Francesa. Sobre o assunto, cf. o capítulo XI de Polak 1961.

[7] Discuto este tema, de forma desenvolvida, num outro trabalho sobre a literatura utópica (cf. Vieira, 1997: 178).

[8] Segundo David Thomson, a ideia de progresso impõe-se em Inglaterra na geração seguinte à dos homens que travam a Batalha de Waterloo (1815), sendo associada à ideia de progresso técnico (Thomson, 1978: 102). A teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin (exposta em 1859 em *On the Origin of Species by Means of Struggle for Life*), ajuda igualmente à interiorização da ideia de que o apuramento das raças pressupõe uma caminha inevitável em direcção à perfeição.

[9] *News from Nowhere* é publicado em fascículos no periódico *Commonweal*, entre 11 de Janeiro e 4 de Fevereiro de 1890. É publicado sob a forma de livro, numa versão revista e aumentada, primeiro em Boston (1890) e depois em Londres (1891).

[10] Cf. Sargent, 1988.

[11] Cf. a recensão crítica de *Looking Backward* que Morris assina para o periódico *Commonweal*, a 22 de Junho de 1889.

[12] A Revolução Americana, por exemplo, era nesta perspectiva encarada como inevitável: para os colonos americanos a vitória só havia sido possível porque eles beneficiavam da protecção divina.

[13] Sacvan Bercovitch descreve a formação desta ideia de "América" em textos como *The Puritan Origin of American Self* (1975), "How the Puritans Won the American Revolution" (1976) e "The Rites of Assent" (1982), defendendo que a ideia de progresso material é indissociável de todo esse processo.

[14] A interpretação que proponho não é nova. No texto crítico sobre *Looking*

*Backward* que assina para a edição da utopia de Bellamy dos "Penguin Books" (1986), Cecília Tichi fala já da importância do mito americano da "Nova Jerusalém" para a compreensão do sonho bellamiano. Contudo, creio que Tichi não tira o devido partido que a perspectivação da utopia de Bellamy nesse sentido lhe oferece, aspecto que, de resto, me proponho aqui desenvolver.

[15] Referindo-se a este aspecto da sociedade bellamiana, William Morris critica a produção de "[all kind] of wares to satisfy every caprice, however wasteful and absurd" (Morris, 1993: 356).

[16] Na América do futuro não há salários, num plano teórico, mas eles existem, na realidade, através do sistema de *créditos*; por outro lado, foi criado um regime de incentivos através da atribuição de promoções e privilégios aos trabalhadores mais empenhados.

[17] Discuto este tema, de forma aprofundada, num outro texto (cf. Vieira, 1997: 370-382).

>>

## BIBLIOGRAFIA

Bellamy, Edward (1986), *Looking Backward. 2000-1887*, New York, Penguin [1888].

Bercovitch, Sacvan (1982), "The Rites of Assent: Rhetoric, Ritual and the Ideology of American Consensus", in S. B. Girgus (ed.), *The American Self: Myth, Ideology and Popular Culture*, New Mexico, University of New Mexico Press, pp. 5-42.

— (1976), "How the Puritans Won the American Revolution", *Massachusetts Review* 17, pp. 597-630.

Berner, Marie Louise (1982), *Journey through Utopia*, London, Freedom Press [1950].

Collinet, Michel (1961), "Problèmes de l'Évolution des Sociétés Modernes", *Diogène*, 33, Jan-Mar, pp. 105-121.

Ferreira, J. C. Viana (1996), "William Morris e 'The Englishman's Birthright': Reflexões sobre o Conceito de Cidadania", in Hélio Alves (ed.), *William Morris: A Celebration of World Citizenship (1896-1996)*. *Actas do Colóquio*. Braga, Universidade do Minho. pp. 131-143.

Frye, Northrop (1967), "Varieties of Literary Utopias", in Frank E. Manuel (ed.), *Utopias and Utopian Thought*, Boston, Beacon Press, pp. 25-49.

Kumar, Krishan (1991), *Utopia & Anti-Utopia in Modern Times*, Oxford, Basil Blackwell.

Lasky, M. (1977), *Utopia and Revolution: On the Origins of a Metaphor, or Some Illustrations of the Problem of a Political Temperament and Intellectual Climate and How Ideas and Ideologies Have Been Historically Related*, London, Macmillan.

La Torre, G. H. (1988), "Vision et Construction: Louis-Sébastien Mercier *L'An 2440* – Christoph Martin Wieland *Le Mirroir d'Or*", in Hudde / Kuon (eds.), *De l'Utopie à l'Uchronie: Formes, Significations, Fonctions. Actes do Colloque d'Erlangen 16-18 Oct. 1986*, Tubigen, Narr, Études Littéraires Françaises, pp. 99-108.

148>149

Polak, Fred (1961), *The Image of the Future*, New York, Oceana.

Morris, William (1993), *News from Nowhere and Other Writings*, Clive Wilmer (ed.), Harmondsworth, Penguin [1890].

Ricoeur, Paul (1986), *Lectures on Ideology and Utopia*, George H. Taylor (ed.), New York, Columbia University Press.

Sargent, Lyman Tower (1988), *British and American Utopian Literature 1516-1985: An Annotated, Chronological Bibliography*, New York, Garland.

Soboul, Albert (1980), "Notas para uma História da Utopia em França no Século XVIII", in *Utopia e Utopistas Franceses do Século XVIII*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 9-27.

Thomson, D. (1978), *England in the Nineteenth-Century. 1815-1914*, Harmondsworth, Penguin.

Tichi, Cecilia (1986), Introdução a Edward Bellamy, *Looking Backward*, New York, Penguin.

Vieira, M. Fátima (1997), *Em Direcção ao Futuro: A Visão de William Morris nos Limites da Tradição da Literatura Utópica Inglesa*, Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.